

ESSAS CASTANHAS ME ENGORDAM,

MAS ME DESPERTAM DESEJO.

ESCREVENDO (COM) O RANÇOSO
NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

pregações

mutável

gradual e regular

UMA FONTE D

LORENA MANSANARI SAIBEL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

ESSAS CASTANHAS ME ENGORDAM MAS ME DESPERTAM DESEJO:
escrevendo (com) o rançoso na formação de professores

Trabalho de Conclusão de Curso

Lorena Mansanari Saibel
Orientador: Luciano Bedin da Costa

Novembro de 2015
Porto Alegre

Lorena Mansanari Saibel

ESSAS CASTANHAS ME ENGORDAM MAS ME DESPERTAM DESEJO:

escrevendo (com) o rançoso na formação de professores

Trabalho de Conclusão de curso de graduação
apresentado ao Instituto de Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
como requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciada em Letras – Língua Espanhola e
Literaturas de Língua Espanhola.

Orientador: Luciano Bedin da Costa

**Porto Alegre
Novembro de 2015**

agradecimentos

aos meus pais, que de longe ouviram meus silêncios e tagarelices,
ao meu irmão que (mesmo não entendendo nada) sempre me apoiou,
às minas maravilhosas que tem me recheado de amor e amizade (e mergulharam comigo na
escritura desse trabalho),
à faced, onde me encontrei,
aos professores que me desafiaram,
ao vale, onde me perdi,
às viagens de trem e de ônibus, potentes momentos de ócio em movimento,
às mudanças de cidade e de país que me mudaram também por dentro,
às pessoas que suportaram os meus *ranços*,
ao meu orientador que acreditou no meu *ranço*,
à minha janela, que ajudou a levantar a cabeça e tomar fôlego,
às pessoas maravilhosas que conheci pelo caminho e me inspiraram,
a todos os santos e orixás que ouviram meus pedidos de energia.

Resumo

O trabalho a seguir fala a partir de uma experiência pessoal como licencianda do curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para então valer-se das multiplicidades de discursos e experiências no mundo das licenciaturas em geral. Composto por fragmentos, trata-se de uma colagem de vários textos heterogêneos, tal qual parece ser o universo discursivo acerca da educação em uma universidade. Em formato de proferbetes, esse mosaico é visto a partir das noções de Texto e escritura por Roland Barthes, como forma de (re)pensar e amolecer os estereótipos, essas repetições de um discurso que cola, gruda, uma espécie de necrose da linguagem que nos enclausura ao mesmo tempo em que nos seduz, a partir das angústias e dos desejos na experiência da licenciatura. Operando com o *rançoso* que invade os corpos e a linguagem, em um trabalho com as palavras, este trabalho fala sobre escrita escrevendo: o *escrever* como fim, intransitividade. Uma metanarrativa de várias vozes e imagens que se misturam tentando disseminar o plural do texto enquanto coexistência de sentidos. Olha a escritura de vários lugares; nas suas potências e seus estereótipos, utilizando-se dos dois para remexer com os discursos que nos rodeiam, e que, de certa forma, determinam o teor das experiências em uma formação de licenciatura. Em última instância, o que este trabalho procura, e de certa forma experimenta, é a possibilidade de irrupção de licenciandos-escretores ao invés de apenas escreventes.

Palavras-chave: Licenciatura; Barthes; Escritura; Texto; Rançoso.

Sumário

Introdução – 1

Agora – 5

Espionagem – 8

Exercício sobre o silêncio – 9

Levantar a cabeça – 10

O rançoso que nos toma – 12

O Dicionário – 14

Dois discursos, um estereótipo – 16

Licenciando (licença(ando)) – 18

OuLiPo – 21

Ela acredita em uma pedagogia de estourar balões – 24

Prazo/Prazer – 26

Referências – 28

Lista de Figuras

Figura 1- Imagem retirada do caderno da autora.....	5
Figura 2 - Sem Título, de Jessica Dachs	8
Figura 3 - Silêncio, de Sérgio Baltazar Lemos	9
Figura 4 - Imagem retirada do caderno da autora.....	12
Figura 5 - Imagem de Tiele Bertol.....	14
Figura 6 - Imagem de Guilherme Martins de Abreu	21
Figura 7 - Imagem de Júlia Guimarães de Carvalho	22
Figura 8 - Imagem de Dado Nascimento	23
Figura 9 - Saga Fotográfica: O Cotidiano do Balão Vermelho (e da Carolina Freitas).....	24
Figura 10 - Imagens do vídeo produzido por Silvana Greff	24

Introdução.

Minha trajetória nos anos de universidade se deu em um entre: sempre indo e vindo – transitando na relação do Instituto de Letras e da Faculdade de Educação. Por vezes um espaço conflituoso, a presença constante de um embate de discursos que ora convergem ora divergem e sempre a impressão de que se tem que tomar partido. Encontrei-me no entremeio. Entre rumores, ouvindo e sentindo ecos contrários que formam uma grande teia de diferentes sentidos. Foi desse lugar que todo estudante de licenciatura se encontra que meu desejo de pesquisa nasceu.

Então, na Faculdade de Educação, encontrei um espaço para desenvolver esse meu desejo. Diretamente relacionada com a literatura, foi à margem do mundo das línguas modernas que me reencontrei com o texto, a escrita e a leitura. Iniciei-me no grupo *Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida*¹, pesquisa que me abriu a cabeça para novas possibilidades de olhar a universidade e a minha relação com ela. E quando comecei a fazer parte da pesquisa *Estudos de Zona: territorialidades, biografemas e discursos em licenciaturas*², encontrei um caminho possível para os meus desconfortos e as minhas

¹ Programa Observatório da Educação, resultado da parceria entre a Capes, o INEP e a SECAD, foi instituído pelo Decreto Presidencial nº 5.803, de 08 de junho de 2006, com o objetivo de fomentar estudos e pesquisas em educação, que utilizem a infra-estrutura disponível das Instituições de Educação Superior IES e as bases de dados existentes no INEP, estimulando a produção acadêmica e a formação de recursos pós-graduados, em nível de mestrado e doutorado. A pesquisa pretende fomentar a criação de oficinas de escrita-leitura em âmbitos os mais diversos da educação, trabalhando com a Filosofia da Diferença, Pedagogia e demais Ciências Humanas. Sandra Mara Corazza - Coordenador.

² Sob a coordenação do professor Luciano Bedin da Costa, esta pesquisa teve como objetivo central mapear os discursos dos alunos de licenciaturas da UFRGS, mais especificamente daqueles que fazem uso da Faculdade de Educação (FACED) em algum momento dos seus currículos. Para isto, utilizou como recurso o enciclopédismo, suscitando a construção de verbetes enciclopédicos por parte dos alunos. Os verbetes que formaram, então, o *Dicionário Raciocinado das Licenciaturas*,

curiosidades dentro da universidade. Essas experiências na iniciação científica me possibilitaram pensar em como transformar meus movimentos em algo a ser trabalhado e compartilhado.

Nesse universo das licenciaturas e da educação, em meio a tantos discursos sobre o que nos aguarda como professores, sobre o papel da educação, a (des)importância de certas discussões ou espaços... “tem-se a sensação de que não restam outras palavras disponíveis na educação.” (SKLIAR, 2014, p. 191) Encontro, então, na literatura e na escrita a possibilidade de olhar de maneiras diferentes, através dessa linguagem que por vezes se mostra oca. Transformá-la em “linguagem habitada por dentro” (SKLIAR, 2014, p.20). Encarando o Texto, como em Barthes, como tecido que por sua vez é tramado a vários fios.

Texto quer dizer Tecido; mas enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a ideia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nessa textura – o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolvesse ela mesma nas secreções construtivas de sua teia. Se gostássemos dos neologismos, poderíamos definir a teoria do texto como uma hifologia (hyphos é o tecido e a teia da aranha). (BARTHES, 2010, p. 74-75)

Esses diferentes fios que se entrelaçam são as diferentes vidas dentro dessa experiência na licenciatura: meus próprios fragmentos, modos de ver, sentir, escrever o mundo como licencianda de Letras pelo território da Educação e do Escrever.

Você se pega reproduzindo os velhos chavões “não sei porque escolhi licenciatura, afinal”, “o professor é um dos profissionais mais importantes e o menos valorizado”, “para dar uma boa aula é só querer”, “a mudança começa na educação”, “o problema está na educação”.

O problema não está nas bobagens que você diz, ouve, vê ou escuta, nas asneiras, silêncios e não-ditos, mas na necessidade de dizer sempre de um mesmo lugar. É como escreve Heráclito: ‘O sol tem o tamanho da palma da sua mão’. Você a coloca em frente aos olhos e tudo muda. (COSTA, 2013. p.25)

*O problema está na necessidade de dizer sempre de um mesmo lugar. Sustento-me enquanto indivíduo na minha tagarelice, isso é certo. E, afinal, “No princípio era o Verbo” (João 1:1). A linguagem é a base das relações, mas de que lugar estou falando? O que pretendo com todo esse blablá se ele sempre parte de um mesmo lugar? Partindo sempre *daqui* é difícil que eu chegue em um *acolá* muito diferente. “tecido necrosado dos discursos,/ grudado nas opiniões,*

publicados e compartilhados no site <http://www.ufrgs.br/dicionariodaslicenciaturas/>, além de terem sido publicados quatro livros em formato brochura.

nos fatos, nas comprovações,/ nas aparições e sobretudo nos mesmos/ modos de ser” (COSTA, 2013. p.7)

*

Me da igual.

Uma expressão do espanhol que vem acompanhada a um dar de ombros. Cansados das mesmices, o corpo começa a negar, a *rançar*. Tanto faz. “A ‘indiferença boazinha’, ‘resignada’, ‘comedida’. É um ‘não estou nem aí’, mas que pode ser lido como ‘tudo bem, então’, ou, ‘então tá’ (vulgarmente falando). Um caso clássico de “dualidade sentimental acadêmica.” (BURATTO, 2014. p.159). Você passa árduos momentos se perguntando “POR QUE?”; e cansa da repetição das mesmas respostas para as mesmas questões; e cansa de todo o ranço que toma o discurso de todos; e realmente já nem pensa mais na grande questão da educação com aquele desejo inicial; e já nem se importa com o estresse crônico, os discursos que se engajam nos próprios umbigos, na azia que piora a cada café amargo; amargo feito o sabor que vem na boca e causa náusea depois que você ouve “tem que ter amor pelo que se faz, essa é a única fórmula”. Você simplesmente cansa e pensa “me da igual”, porque a maioria das vezes a saída parece impossível de existir.

*

O movimento de escrita e leitura é uma atividade. Atividade é uma ação energética, que exige força, como consta no Dicionário Escolar da Língua Portuguesa (2008). Quando algo se move (um passo ou uma certeza), outra coisa diferente já vai surgir como consequência do primeiro movimento. É aí que a literatura existe enquanto força: faz mover. Não se trata aqui de levantar argumentos a favor da grande importância da literatura como instrumento para mudar o mundo. Pelo contrário. Utilizar-se do texto, da escritura para conseguir enxergar o mínimo, o ínfimo deslocando, assim, olhar. Escrever como voltar-se a si mesmo, como um reencontro, ainda que seja um movimento sem precedentes. A escritura vem como processo necessário para fazer vir ao mundo meus desconfortos como estudante e futura professora. Algo toma

meu corpo e pesa. Os textos, os discursos, as ideologias se mesclam em um espectro que toma conta de mim e faz aparecer o lado nauseante da linguagem. O *rançoso* que me toma: matéria de que sou feita. Essa linguagem que “é presença nítida e, ao mesmo tempo, um rastro espectral que assume a vertigem da existência e seus labirintos: proíbe e liberta, habilita e confina, dá passagem e aprisiona, acende, transcende e abisma.” (SKLIAR, 2014. p. 18)

*

Como o *Dicionário Raciocinado das Licenciaturas*³, minha escrita se faz por fragmentos. Espécies de protoverbetes⁴ que surgem a partir de ideias fragmentadas que me tomam. Um trabalho que fala da escrita escrevendo. Uma metanarrativa que nasce desse corpo tomado pelo ranço e que encontra no Texto uma forma de se reinventar. “A mão que escreve é uma mão que futuca a linguagem que falta” (QUIGNARD, 2006, p.9 apud SKLIAR 2014). Futucar a linguagem que me toma – cheia de clichês e *rançosa* – como um recomeço. Expressar o máximo possível do que já foi absorvido, como uma esponja que por anos absorveu os líquidos com os quais teve contato e chega o fatídico momento em que a esponja já não absorve e você precisa espremê-la.

*

Chega um momento que sentir o texto antes de falar sobre ele se faz necessário. Porque a leitura escrevente pode fazer sentido enquanto produção em massa de *sei-lá-o-que*, mas ler levantando a cabeça, como diz Barthes, produz outros textos. O olhar que se acostuma a ler de forma escrevente. Essa leitura programática precede a escrita de mesmo tom. A fragmentação vem como um resultado de *levantação de cabeça* e, também, como um incentivo. Proponho um levantar de cabeça (começando pela minha).

³ O *Dicionário Raciocinado das Licenciaturas* faz parte da pesquisa *Estudos de Zona: territorialidades, biografemas e discursos em licenciaturas* anteriormente citada.

⁴ Diferentes de verbetes, pois não estão dentro do *Dicionário Raciocinado das Licenciaturas*, mesmo sendo intimamente ligados a ele. De fragmentos de escrita surgem esses protoverbetes que são como ensaios de verbetes ou pré-verbetes, influenciados pelos textos que compõe o *Dicionário*.

Agora.



Figura 1- Imagem retirada do caderno da autora

Agora, imediatamente é aqui que começa o primeiro sinal do peso do corpo que sobe. Aqui troco de mão e começo a ordenar o caos.

Ana C

Pego a caneta.

(caneta, não lápis. Lápis se pode apagar, eu não gosto. O vacilo diz algo.)

Abro uma página em branco. E tudo, absolutamente tudo que me angustia a tal ponto de escrita se esvai. Some. Fugaz como um vulto que percorre os olhos sem nos darmos conta do que é. Resta um vazio e a angústia. Aquele espaço entre a ponta da minha caneta e a folha do caderninho é o nada, o grande nada: a existência de qualquer coisa.

O que existe ali, naquele espaço do não dito, mas que deseja existir graficamente?

O que me impede de utilizar a mínima força do meu corpo e fazer vir ao mundo em letras negras uma sequência de palavras que carreguem um pouco de mim?

Meu corpo anseia pelo impulso que me levará a manchar qualquer página de qualquer coisa.

Deseja, mas dói. O ato de escrita é doloroso. E se eu não tiver nada a dizer? Se nada disso importar? Porque, afinal, minhas singelas angústias juvenis devem ser escritas e, com sorte, lidas?

Tem dias que só escrever alivia o corpo.

Tem dias que só rabiscar alivia.

Pensar o Texto a escrita.

Acima de tudo: pensar o que me leva ao Texto, essa noção de Roland Barthes, autor que me afeta tão profundamente.

Pensar sobre o processo que me faz escrever ou deixar de escrever. Como estudante de licenciatura em Letras, como futura professora, como uma jovem. Como um corpo que goza e, também, se enoja.

“Lançar o sujeito através do branco da página, não para “expressar” (nada a ver com a “subjetividade”), mas para dispersá-lo.”(BARTHES, 2012. p.101). O sujeito enquanto jovem pesquisador que se lança entre o discurso cientificista e o discurso do desejo. Esse entre que parece impossível de sobrevivência. Onde o desejo de escritura encara a folha em branco e a rechaça, teme esse momento do agora. Agora, aqui. Aqui mesmo. Quando chega o momento de se dispersar através do “jogo do significante, no infinito da enunciação, numa palavra, ‘escrever’” (BARTHES, 2012. p. 101).

E agora?

*

Agorafobia (a.go.ra.fo.bi.a) s.f. (Med) Aversão a espaços abertos. (Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, 2008. p.113)

Folha em branco, espaço aberto. A fobia que me toma ao mesmo tempo me faz desejar que algo aqui fale – não em meu lugar, nem diga algo sobre mim, que fale por si através da dispersão de minhas palavras. Que elas escorram em um processo de escritura que importe enquanto confronto com a linguagem. Essa linguagem dubitável e que treme. Que antes de ser em caracteres já carrega mais ideologias e estereótipos que se pode imaginar. “Mas a língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer.” (BARTHES, 1988). O licenciando-escritor diante do seu desejo de escritura expele palavras que já foram ditas. Como *expressar o inexpressível?*

*

“A escrita permanece ainda cheia de seus usos anteriores, pois a linguagem nunca é inocente: as palavras tem uma memória segunda que se prolonga misteriosamente no meio das

significações novas.” (BARTHES, 2012, p.15). O ato de *escrita* enquanto manifesto desse desconforto que extrapola o corpo e que quer existir enquanto linguagem latente e que deseja. “A escritura é isto: a ciência das fruições da linguagem, seu kama-sutra (desta ciência, só há um tratado: a própria escritura).” (BARTHES, 1987, p.10). A busca por essa escritura que venha de um desejo de pesquisa em um processo de jogos com a linguagem em que o resultado está aquém do que se busca: o transcurso, o movimento de leitura-escrita é que está em evidência, de fato.

Voltaire menos desesperado, Rousseau mais feliz que nós? Talvez porque não soubessem (e ninguém em torno deles) que a *linguagem existe*, que precisamos suportá-la, trabalhá-la, desfrutá-la como nosso próprio corpo, condição contraditória de nossa alienação e de nossa libertação, de nosso peso e de nossa leveza. (BARTHES, 2004. p. 224)

Essa fobia que invade o corpo faz com que a esquivada pareça a melhor saída. Mas a linguagem está por todos os lados e, mesmo que dolorosamente, é necessário encará-la para que se consiga desfrutá-la. E na escritura, no jogo entre o que *se tem* que fazer (talvez uma “obrigação”) e o que *se quer* fazer, existe esse espaço aberto para uma possível fruição. Paulatinamente expor-se ao agora, à ágora; ao mundo da linguagem e suas contradições.

Espionagem.

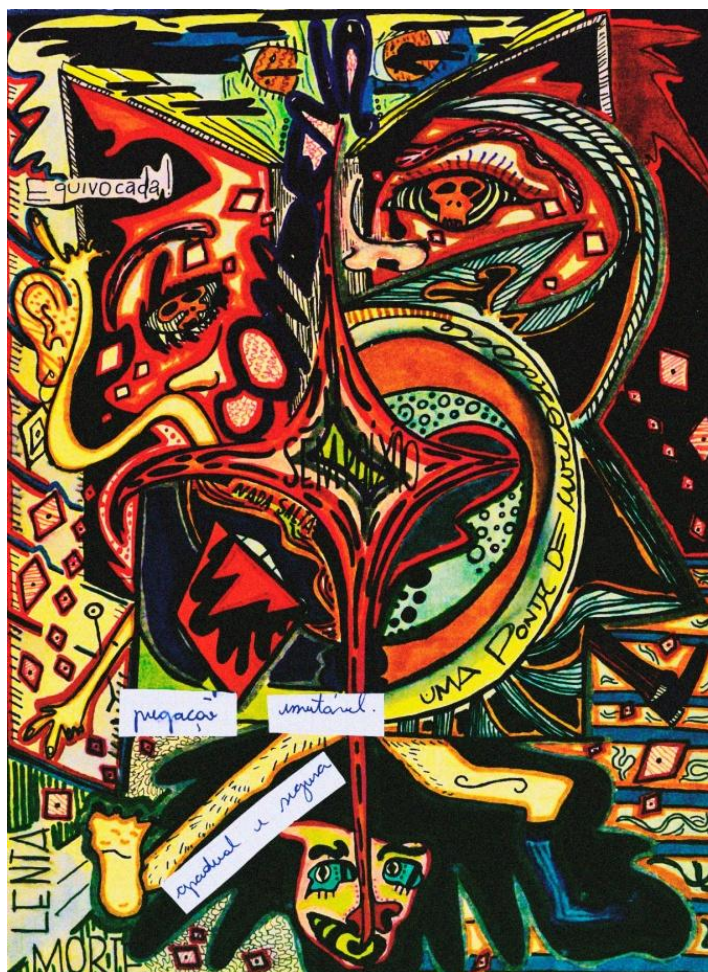


Figura 2 - Sem Título, de Jessica Dachs

Os discursos aparecem então como um mosaico. “Os mosaicos são múltiplos por natureza: nascem um pouco daqui e dali; podem ser híbridos, integrar a variedade, recompor figuras inteiras através de cacos, da dispersão dos fragmentos; de repente, a visão se alarga e, zás, as partes consteladas são um todo.” (ARRIGUCCI JR, 2013, p. 7). Espera-se do observador que espione, monte e desmonte as diferentes imagens que são formadas nessa grande gosma discursiva em constante transformação. “Seu alvo foge sempre”(ARRIGUCCI JR, 2013, p. 8). Esgueira-se entre os textos; força o olhar para enxergar mais detalhes; se distancia do objeto; o rechaça, nega, condena. Depois o reabsorve sob outro olhar. Busca as fissuras que o formam. Costura, rasga, sobrepõe, desprende. Os mosaicos “são, então, um convite ao jogo, à montagem problemática, à participação ativa de quem se delicia com eles, como certos brinquedos de criança” (ARRIGUCCI JR, 2013, p.8). Em movimento, caleidoscópico. Desafio de escritura: fazer-se espiã. “Um narrador que espiona ao construir” (ARRIGUCCI Jr, 2013, p. 8), nas multiplicidades do texto e do sentido, quando falar sobre o texto é falar sobre o processo que me leva ao texto. “Sendo metalinguagem, toma a própria linguagem da obra como significado, mas se faz também significante.” (ARRIGUCCI Jr, 2013, p. 8). Esse

narrador mergulha na heterogeneidade dos discursos e se utiliza da escritura como modo de construção, através de uma metanarrativa desse processo que tem como objeto o texto. Onde não há dualidade, como aponta ARRIGUCCI Jr 2013, e o outro compõe o trabalho que aqui surge.

Exercício sobre o silêncio.



Figura 3 - Silêncio, de Sérgio Baltazar Lemos

De repente ele chega como quem não quer nada. Há quem não o suporte, lute contra ele, insista em destruí-lo, em desfazê-lo. Tão fácil se livrar dele, só basta proferir qualquer palavra solta, mesmo em forma de sussurro (inclusive o sussurro às vezes pode ser mais poderoso e barulhento que um grito). Rechaçado, ele procura quem o queira, quem com ele possa. Afinal, calar-se não é tarefa fácil. E, em determinados ambientes, pode acusar um certo descaso (mesmo que falso).

Calar-se é expor-se à posição de observar.

Calar-se é escutar, antes de tudo.

Em silêncio, sem frases feitas, sem respostas rápidas, sem orações monossilábicas. Estar em silêncio como estado de espírito. Não se negar a proferir qualquer palavra, mas sentir que a

verbalização de qualquer palavra é desnecessária. Escutar e observar. Criar outra relação com o ambiente e quem o habita. Transcender as barreiras da linguagem verbal. Não perguntar, não falar. Trocar olhares e sutilezas. Olhar as coisas a partir de um olhar silencioso, de um olhar que parte de outro lugar. “Na prática o silêncio não é a ausência de uma presença, mas a presença de uma ausência: uma ausência que se faz ouvir, que faz diferença, que produz.” (HELLER, 2008, p.16 apud PACHECO e PARISOTO, 2015, p 269).

Como trazido por PACHECO e PARISOTO (2015): uma pedagogia do silêncio. Como por exemplo, a exigência de um estudante tagarela aqui se desmancha. A necessidade que fale, fale e a ideia sustentada de que uma ‘boa aula’ costuma ser uma aula cheia de diálogos cai por terra.

O corpo do estudante estruturado neste momento preciso em que perde seu equilíbrio e arrisca cair no vazio. Luta, jogando tudo por tudo: está em jogo a sua vida, sua liberdade de estudante, seus sons. Por meio do silêncio domará o silêncio: com um som arrebatará seu corpo traçando formas-questões. Uma forma-som de espaço-corpo efêmero, por cima do abismo. Em eterno fluxo de desequilíbrio-silêncio-criação. (PACHECO e PARISOTO, 2015, p.269)

O silêncio como um respiro e um espaço para a fluidez. Um movimento, uma provocação, um questionamento. Como um novo encontro e um momento possível para a criação de novas singularidades.

Levantar a cabeça.

1. “Ler é fazer o nosso corpo trabalhar (sabe-e desde a psicanálise que o corpo excede em muito nossa memória e nossa consciência) ao apelo dos signos do texto, de todas as linguagens que o atravessam e que formam como que a profundeza achamlotada das frases.” (BARTHES, 2012. p. 29) O trecho “a profundeza achamlotada das frases” lhe saltou aos olhos e sua beleza lhe pareceu grande. Mas não tinha ideia do que significava “achamlotada”. Levantou a cabeça, repetiu em voz alta o pequeno fragmento e alcançou o dicionário que estava no sofá. Geralmente, quando está lendo uma das tantas fotocópias ou PDF’s solicitados para as aulas, não tinha tempo ou vontade de voltar-se tanto ao texto e às coisas que lhe chamavam atenção. Chamalote é um tecido de origem oriental, composto por pelos de cavalo ou de camelo (lembrou-se do filme visto na noite anterior que se passava no Cairo). A textura desse tecido é semelhante à do tafetá e sua trama apresenta ondulações, trazia o Dicionário Aulete Digital. O Dicionário Escolar da Língua Portuguesa (2008) define

como um tecido “furta-cor”. Sempre gostou dessa palavra e do que significava. Pensou que, se o texto é tecido, ele é furta-cor, recheado de ondulações e movimentos que fazem o corpo trabalhar e a cabeça levantar. Quando ela levanta é o momento da escrita da leitura. “Esse texto que escrevemos em nossa cabeça quando a levantamos.” (BARTHES, 2012 p. 27). Costumava dizer que quando lia Barthes era inevitável que, a cada tanto, parasse e fizesse esse movimento de pausa. Dificilmente passava mais de um parágrafo sem fazê-lo. Algumas vezes, inclusive, alcançava o *Fragmentos de um discurso amoroso* que ficava sempre na mesa do lado da cama e abria em uma página qualquer para ler e experimentar algum trecho ao acaso, como costumava fazer com livros de poesia.

“Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu ler *levantando a cabeça*?” (BARTHES, 2012, p. 26)

2. Estava pensando sobre o *rançoso*. Em uma das levantadas de cabeça para pensar sobre o que escreveria, deparou-se com um vídeo sobre as ocupações nas escolas no estado de São Paulo.⁵ Sabia que havia um movimento por parte das comunidades escolares de lá contra uma reestruturação na rede estadual de educação que acabaria demitindo várias pessoas e fechando escolas. No vídeo os alunos sentados nas suas cadeiras cantavam de olhos vendados uma versão de Cálice (1974) do Chico Buarque (achava incrível que uma música que foi feita no período da ditadura militar ainda fizesse tanto sentido). Arrepiou-se e chorou. Aqueles minutos de vídeos mexeram com várias de suas angústias em relação ao seu futuro como professora, seu desejo de aula e de movimentos tão bonitos e fortes como aquele. Uma resposta que explodia em significados e beleza, a partir de um tema que geralmente é tratado com discursos estereotipados e duros (quando via na televisão, por exemplo, um economista falando de educação aquilo lhe incomodava muito). Uma ocupação não só do espaço das escolas, mas um preenchimento no oco dos discursos sobre educação. Percebeu a possibilidade da existência de outros lugares nesse universo de falas tão imperativas. Sentiu que algo lhe saltou, com a força de um desejo que pulsa e quer explodir. Algo estava acontecendo ali, a comunidade escolar (alunos, professores, pais) estavam escrevendo seus próprios textos a partir do direito e do desejo de escola.

⁵ Dia 23 de setembro de 2015 a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo anunciou uma nova organização da rede estadual de ensino paulista.

O rançoso que nos toma.

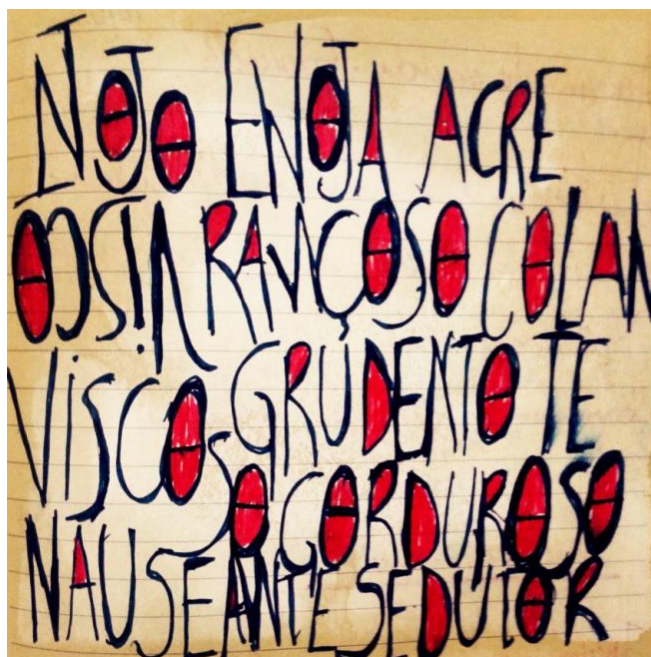


Figura 4 - Imagem retirada do caderno da autora

Nos jogos da linguagem – que é fascista e nunca inocente – são facilmente detectados tomando conta do discurso os estereótipos, que acabam por remendar alguns *buracos de escritura*

Geralmente, o estereótipo é triste, porque é constituído por uma necrose da linguagem, uma prótese que vem tapar um buraco de escritura; mas ao mesmo tempo não pode deixar de suscitar uma imensa gargalhada: leva-se a sério; julga-se mais perto da verdade por que indiferente à sua natureza de linguagem: é ao mesmo tempo desgastado e grave. (BARTHES, 2012, p.394)

Percebem-se repetições de um discurso que cola, gruda, de aderência mole. Essa “necrose da linguagem”, que se leva a sério “esse cheiro de seriedade que o lugar-comum exala” (BARTHES, 2012, p. 405), com um suposto engajamento, acaba se tornando uma repetição de estereótipos. Tomando o *viscoso* como imagem, ou seja, buscando nesse conceito de Sartre um potencial imagético para um suposto *ranço* nos discursos. “Recordemos que o viscoso se revela aí essencialmente como resvaladiço, açucarado, adocicado, como “aderência mole” de si a si.” (JEANSON, 1965, p. 119). Discurso de aderência mole, resvaladiço, adocicado, com tendência a coagular e absorver. “Uma imagem horrível” possível para a linguagem, que de

inocente nada tem: rançosa. O *rançoso*, mesmo que tenha substrato na experiência vivenciada, sustenta-se enquanto discursividade. Sua funcionalidade é egoísta e pegajosa.

O viscoso, pois, oferece “uma imagem horrível”. Sê-lo é um dos seus sentidos possíveis e o horror que disso tenho manifesta em mim “a obsessão de uma metamorfose”: “o viscoso escoar-se-nos de um escoar espesso que se parece com o da água; como o voo pesado, e ao rés da terra, da galinha, se parece com o do milhafre.”, “triunfo nascente do sólido sobre o líquido”, tendência do em-si a coagular, a absorver, “o para-si que deveria fundá-lo”: “o viscoso aparece como um líquido visto num pesadelo. (JEANSON, 1965, p. 120 – 121).

Viscosidade, viciosidade. A tendência a absorver faz acreditar que o possuo, mas é ele que me possui. “O viscoso é *dócil*. Só que, no momento mesmo em que suponho possuí-lo, é *ele* que me possui, por uma curiosa inversão.” (SARTRE, 2014, p.742). É capaz de agarrar, impedindo o deslizamento, tomando o corpo.

“O viscoso é a agonia da água; apresenta-se como fenômeno em vir-a-ser, não tem permanência na mudança da água, mas, ao contrário, representa como que um corte operado em uma mudança de estado. Essa instabilidade coagulada do viscoso desencoraja a posse.” (SARTRE 2014, p. 741) Se funde nele mesmo e escorre sobre os discursos, em um escoar lento e com certa resistência. É dissimulado, possui uma suposta fluidez que seduz, compromete.

Separo as mãos, quero largar o viscoso e ele adere a mim, me absorve, me aspira; seu modo de ser não é nem a inércia tranquilizadora do sólido, nem um dinamismo como o da água, que se exaure fugindo de mim: é uma atividade mole, babosa e feminina de absorção; vive obscuramente entre meus dedos, e sinto uma espécie de vertigem; atrai-me como poderia atrair-se de um precipício. (SARTRE, 2014, p. 742-743)

“O viscoso sou *eu*.” (SARTRE, 2014, p.743). O *rançoso* sou eu. Nessa junção do *estereótipo* de Barthes e do *viscoso* de Sartre se forma uma imagem para esse *rançoso* que ocupa tantos lugares nos discursos. Como um paradoxo sua tendência é deixar pegar, mesmo que o rechace. Não há saída senão com ele operar: surge de um senso comum, gelatinoso e trato de assumi-lo enquanto matéria de escritura. “Formações reativas: uma *doxa* (uma opinião corrente) é formulada, insuportável; para me livrar dela, postulo um paradoxo; depois esse paradoxo se torna grudento, vira ele próprio uma nova concreção, uma nova *doxa*, preciso ir mais longe em direção a um novo paradoxo.” (BARTHES, 2003, p. 85). Sempre fugindo, com tendência a imobilização, o *rançoso* que eu receio ao mesmo tempo me faz desejar; desejo de movimento.

O Dicionário.

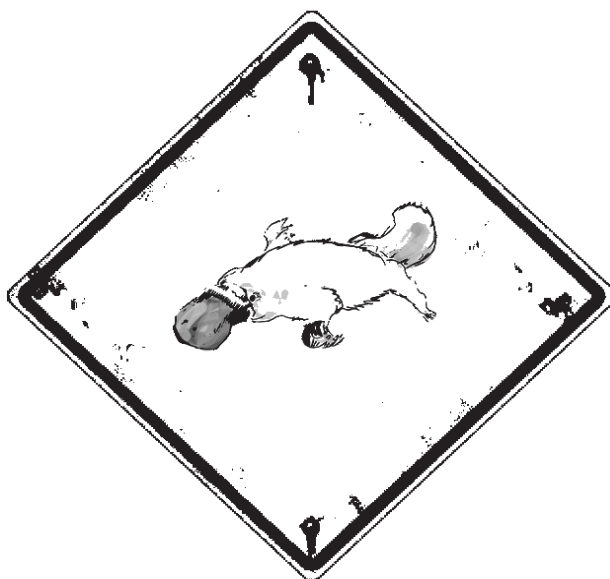


Figura 5 - Ilustração de Tiele Bertol

O Dicionário Raciocinado das Licenciaturas se trata de um conjunto de textos produzidos por alunos da licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) o qual participei na condição de bolsista de iniciação científica, escrevendo verbetes e editando o material. Em três anos de movimentos, trezentos e quinze estudantes participaram de processos de escrita disparados por diferentes tipos de oficinas e jogos. O Dicionário contém cento e quinze verbetes publicados. Fatos numéricos que surgem para reafirmar a pluralidade e heterogeneidade dos olhares.

Como o dicionário, que em última instância nos serviu enquanto fantasia de pesquisa, buscamos o vacilo da linguagem, onde o discurso gagueja e foge, tendo como principal disparador a escritura, partimos da sala de aula universitária – carregada de um grande mosaico formado por um conjunto de discursos *rançosos* ou não. Refletir sobre Textos possíveis nesse ambiente, na qual essa grande coisa grudenta que toma conta da linguagem e faz aparecer uma camada fortemente estereotipada. “O Texto não é coexistência de sentidos, mas passagem, travessia; não pode, pois, depender de uma interpretação, ainda que liberal, mas de uma explosão, de uma disseminação.” (BARTHES, 2012. p. 70) Buscar na indelicadeza desses discursos rançosos a possibilidade de ser, a possibilidade de que esses discursos, enfim, explodam no ato de escritura.

A escritura é esse neutro, lugar de esfacelamento de toda a identidade, e que não explica coisa alguma; ao contrário, ela é, para utilizarmos a expressão de Maurice Blanchot, a palavra infinita, que insiste em voltar sobre si mesma, sobre suas pegadas, em eterna deriva. Não se

trata, portanto, no que se refere à tarefa do crítico, de conhecer o motivo secreto de uma vida, mas, trata-se sobretudo, de encontrar o sentido que um autor pode dar a essa busca interminável que é a escritura. (BARATA, 2011, p. 1)

Essa noção de escritura cunhada por Barthes ao longo de sua obra serve de suporte para pensar no processo de quebra dessas partículas estereotipadas do discurso, em como dissolver essas gorduras da linguagem natural, em como colocar em crise a linguagem. Sendo escritura “objeto do desejo que sustenta a busca” e produtora de sentidos, essa noção nos ajuda a pensar no ato de escrita enquanto manifestação de um desejo latente (seja ele motivado por amor ou desamor). “Trapacear” a língua através da literatura, disparando novos Textos e olhares a partir dos discursos que se repetem, se engolem, se misturam.

Partindo da provocativa expressão “AULAS DA FACED” os alunos foram convidados a escrever sobre as experiências vivenciadas no ambiente da Faculdade de Educação. Esta expressão costuma carregar um caráter pejorativo e, por vezes, sintetiza algo que deve ser rejeitado ou negligenciado por boa parte dos alunos. Quer dizer, a expressão “AULAS DA FACED” leva todo um universo anterior de significados, carregados de *ranço*; com sua camada estereotipada e poder viscoso. Mexer com a escrita como um trabalho a partir da oposição da simples utilização da língua como repetição à uma criação consciente e que faz qualquer discurso menear.

Em alguns verbetes vemos a transmutação desse ranço empiricamente, na escritura. Ele parece em outras vozes, outras palavras, transmutado. O fragmento do verbete *Morrido* mostra esse outro lugar assumido,

Milhares de alunos morrendo de tédio, morrendo de ódio, morrendo de desejo de ver a morte daquele que morre todos os dias em salas diferentes, em horários diferentes, desejando vida diferente em que não se morra matando o outro de aborrecimento matado. Morte de quem morre em sessenta segundos após sessenta segundos, tempo em que o aluno poderia estar morrendo de amor, morrendo de dor, morrendo de medo e não morrendo morte tediosa de quem não morre de paixão e não se aniquila de desejo pela sua sina: ensinar. Morte lenta, gradual e segura, assim como a abertura econômica, abertura de pernas de quem padece de desejo de morrer de gozo ao invés de morrer de paciência esgotada ao ouvir morte da boca daquele que morre nos olhos lentamente, gradualmente e seguramente sendo finado pela impaciência de não saber matar o outro de outra coisa que não seja morte dóida com dor lenta que destrói a morte feliz que é a morte de quem padece morrendo de tara por aquilo que é sua verdadeira vontade de viver morrendo. (NODARI, 2013, p.44)

Ou o *Avon*, que traz o ranço diante de uma mesma didática aparece de forma transmutada no verbete,

Avon também origina do radical hebraico *Avah*, que pode ser pecado, distorcer e perverter. Mas afinal, onde está a distorção na *Faced*, quem perverte a ordem imposta naqueles dez andares de concreto, cadeiras e baiucas? Quem é o pecador, o rio ou leito? O rio por deixar o leito imutável ou leito por se manter imutável. Quem

são os sinuosos rios que brigam contra o leito tão velho e que insiste em nos manter lineares e tranqüilos, mansos. Cadê? (DOBAL, 2013, p.32)

Ou o Salta que fala sobre o desejo,

Onde algo salta é porque há uma faísca de desejo, uma ponta de curiosidade, uma intriga, uma coceira, um sussurro para perseguir; sem paixão nada salta, só pula. A arte está em encontrar (na Faced e fora dela) essas pessoas, olhares, perguntas que te dão, não uma ordem, mas quase um convite indecoroso: *salta* (CORSEUIL, 2013, p. 80)

O grande salto. Movimento voluntário causado por um desejo. O que eu desejo me movimenta. Quando as falas se esgotam nelas mesmas, tentar fazer com que as palavras se reinventem no ato de escrita. Sobreviver à massa discursiva que nos engole antes mesmo que percebamos que fazemos parte daqueles discursos. A sobrevivência está nos entres, nas fissuras, nas rachaduras possíveis, entre todas as palavras duras. Não ser chapa branca ou em cima do mundo. É usar as fissuras para corroer os discursos, implantar pequenos fragmentos explosivos de palavras para que enfim seja possível o estouro. BOOM! E a massa discursiva explode, disseminando outros Textos. E não que o *rançoso* se desfaça, ele apenas assume outros lugares; deixa de ser dito sempre desde o mesmo.

Dois discursos, um estereótipo.

Por todos os lados somos bombardeados por todo o tipo de fala. Ouço nos corredores, no ônibus, no restaurante; leio nos jornais, nos blogs, nos livros (os que desejo e os que não). Todo o tempo se assomam novas opiniões e, atenção!,: De qual lado você está?

A educação e a pedagogia - Luís Augusto Fischer⁶

Mais um ranking divulgado sobre educação no Brasil, na Zero de segunda-feira, outra péssima notícia para os gaúchos: somos o estado que menos investe em educação entre todos, quando se desconta o gasto com aposentados do setor. Até quando vamos continuar vendo passar essa procissão rumo ao horror? O tema comporta um monte de abordagens; vou mencionar duas, não pequenas: uma geralzona, ligada às finanças do estado; outra específica, ligada a um drama que quase todo mundo conhece, mas não expressa.

A primeira remete ao governo Collor, quando, se bem lembro, o governo federal decretou que os estados não poderiam mais tributar sobre exportações - no processo,

⁶ Disponível em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2012/06/leia-a-coluna-de-luis-augusto-fischer-3780802.html>, publicado na coluna do autor na Zero Hora, 5/6/2012.

foi inventada aquela Lei Kandir, que ressarciria os estados prejudicados ao final de cada exercício, repassando algum troco. Ora, num estado que vive de exportar, como o nosso, é claro que secou a fonte que até ali financiara nosso welfare-statezinho local - o velho IPE, uma rede hospitalar que dava gosto, para não mencionar a educação, que já tinha problemas mas mantinha um bom padrão. De onde o estado arrecada, agora, que não pode cobrar ICMS do principal? De fontes menores, que não alcançam para fazer girar a roda.

A segunda: os professores são desmotivados porque recebem muito mal, certo, mas tudo piora porque costumam ser mal preparados, em suas especialidades e mais ainda em pedagogia, em capacidade pura e simples de dar boas aulas. Essa última causa é invisível, mas terrível. Nossas faculdades de Educação não são nada boas, em geral, para a finalidade de preparar professores. Lá se pratica um excesso de generalidade - lá se discute, quase sempre pela rama, sociologia, psicologia, história, filosofia, antropologia, até teoria literária ultimamente, sem a formação adequada nem as exigências que tais áreas precisam ter em seus respectivos ambientes originais.

Daí resulta que os alunos que passam por lá (e são todos os que fazem qualquer licenciatura) são praticamente unânimes em dizer que quase nada aprendem - pode fazer um levantamento -, a não ser discursos genéricos, até bem intencionados mas sem capacidade de habilitar para a sala de aula. É lá, na Educação, que os candidatos a professor são sabotados por uma pregação fácil e atraente, mas equivocada e nefasta, que condena a especialização, o estudo rigoroso, o conhecimento, como fonte de "autoritarismo" e "prepotência". O mal que essa conversa faz à escola não é pouco - e não é fácil de combater.

TODA RAZÃO PARA FISCHER – Tomaz Tadeu e Sandra Corazza⁷

O articulista Luís Augusto Fischer tem toda razão (ZH, 5/6/2012). Quem ensina (ou quem opina) precisa ter a formação adequada. Assim como quem não estudou teoria educacional não pode ficar por aí dando opiniões ligeiras a torto e a direito sobre educação e pedagogia. Enfim, quem estudou, “apenas” literatura, talvez não devesse escrever tão livre e facilmente sobre toda e qualquer coisa, com autoridade de quem adquiriu esses preciosos conhecimentos, com suor e dedicação, no seu “respectivo ambiente original”.

A par disso, o articulista tem toda propriedade naquilo que afirma. Pois, o tipo de intelectual e de professor que a Faculdade de Educação (Faced) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) não vem conseguindo produzir – por mais que se esforce, em seus 40 anos de atuação – é essa figura pura de universitário e homem de letras, formado nos ideais da determinação especializada; e, por tanto, perfeito representante dos territórios disciplinares, claramente delimitados, como “sociologia, psicologia, história, filosofia, antropologia, até teoria literária”.

Essa figura proeminente, como gostaria a filologia cientista alemã, de *eingefleishte Compendien* (manuais encarnados) – cuja divisa de objetividade e segurança, em sua missão pedagógica, obtém retumbante sucesso junto ao público alvo –, compromete, sem dúvida, não somente a escola, como toda a educação, causando-lhe males irreparáveis; os quais, afirma nosso exegeta exigente, não são nada fáceis de combater, na atual paisagem social.

Aleluias entoemos sob as centenárias arcadas das escolas de Hautes Études, com sua sofisticação e autonomia pioneiras, as quais, elas sim são boas “para a finalidade de preparar professores”, tal como aquela que o articulista frequentou; por certo, de maneira elevadamente motivada. Afinado com a opinião dominante, o articulista, com rigor par excellence, faz Bingo! ao equiparar a indignação dos salários dos professores, planos de carreira capengas, sindicatos desrespeitados (como o

⁷ Disponível em <http://issuu.com/verdeperto/docs/196>, publicado na revista Adverso número 196.

Sindicato dos Professores e Trabalhadores em Educação do Rio Grande do Sul/Cpers) e péssimas condições de trabalho à preparação pedagógica fornecida pela Faculdade de Educação.

É que a chave explicativa para esse espírito de renome, protótipo do professor comunicador, consiste no domínio total do conteúdo e da forma e do currículo que desenvolve, resultado de forças coletivas; e, claro, devido ao gênio do próprio criador.

No que diz respeito às opiniões sobre isso ou aquilo, sempre nos deparamos com (supostamente) pelo menos dois lados, eis o sentido do estereótipo: funcionar como doxa, dicotomizar o mundo, valorando-o. Mas atacando ou defendendo, o lugar geralmente parece o mesmo: o da tomada de partido. Como trapacear esse estereótipo que a partir de diferentes visões, partem de um mesmo lugar? Como não levar-se tão a sério, rir dessa seriedade fajuta que dificilmente possibilita novos pensamentos? O *ranço* que nos toma pode ser o *ranço* que nos move. Mas enquanto houver embate, numa busca por melhorias a partir de críticas viscosas que não possibilitam nenhum tipo de deslocamento, não haverá movimento. E a polifonia já é vigente, ou seja, esse binarismo fajuto que reparte os discursos em dois já não consegue se sustentar. Entre um e outro, existem vários.

Licenciando (licença(ando)).

Desloco-me nessa pluralidade de sentidos da experiência na licenciatura.

certo

a história poderia começar aqui
neste lugar de coisas e ocasiões

cartas

sonhos

delírios

composições (DAUDT, 2014, p.38)

O cronograma se disfarça de tempo, mas revela bosque de muitas trilhas e é preciso investigar uma *pedagogia do bosques* longe dos caminhos mortos e pisoteados. (NEGRI, 2013, p.65)

Máscara de gesso frágil!

Estamos fragmentados, quebrados e é difícil juntar os cacos.

E o paradoxo é: nesse mundo tão plural, nesse mundo tão misto, cada vez menos (ou será que nunca?) olha-se para o outro como uma possibilidade de si mesmo. (SOUZA, 2013, p. 25)

É preciso agir com calma para não se entregar à extinção que é fadada às coisas utópicas ou não classificáveis. Criar 'buracos' que levam a lugar algum para confundir o caminho. (BERTOL, 2013, p.43)

Engraçado o fato de que ara comprovar a sua existência é necessário que você possua um número, sim, um número. (ANTUNES, 2013, p. 35)

Uma figura torna-se importante nesse cenário – o professor. (MARTELL, 2013, p.86)

Absurdo é o veneno fatal do ornitorrinco interdisciplinar, aquele que atravessa cursos e tradições, que faz discutir com a filosofia, enquanto as ciências sociais se deliciam com a exatidão da matemática, e os doutores em física ajoelham-se para realizar a teoria da pedagogia. (ROSA, 2014, p. 22)

Com certa frequência sinto que todas as coisas que digo (e escrevo sem situações do dia a dia, como esta) estão muito próximas de mim, a ponto de não conseguir processá-las de outra forma. (KUPSTAITIS, 2013, p.61)

O mundo já está farto de palavras vazias e desprovidas de conteúdo. A falta de informação gera uma fadiga mental que leva ao emagrecimento constante, à anorexia. (PUGLIERO, 2013, p. 33)

Thais quer um mundo diferente. Thais, nesse período de 10 anos, pensou em desistir algumas vezes. Mas sempre mudava de ideia, no final do dia. Thais sempre encontra um pouco de esperança, em alguns pequenos detalhes. (PORTO, 2013, p.89)

Um ciclista passa por mim e posso sentir o vento frio de sua passagem. Agora o ciclista se foi e continuo sentindo o vento. (CAGLIARI, 2013, p. 81)

O contraditório nos instiga a repensar ações, atos; rever as nossas utopias, os nossos ranços, nossos vícios. (TEIXEIRA, 2013, p. 76)

Esse deslocamento se dá por meio da escritura, num processo que remexe nos sentidos já conhecidos e tenta construir novos. O licenciando-escritor que anda, caminha pelo ato de escritura, buscando um caminho alternativo para a escrevência. Algo que parta de um desejo, que esteja tomado pelo *ranço* ou não. Que assuma esses outros lugares, a partir de várias vozes; texto plural. A palavra é o material em comum dessas duas formas de escrita como Barthes (2007) nos aponta quando escreve sobre escritores e escreventes. Tomemos aqui essas duas formas e adicionemos a posição do licenciando: licenciandos-escritores, licenciandos-escreventes.

Sobre os escritores

O escritor realiza uma função, o escrevente uma atividade, eis o que a gramática já nos ensina ao opor justamente o substantivo de um ao verbo (transitivo) do outros. Não que o escritor seja uma pura essência: ele age, mas sua ação é imanente ao objeto, ela se exerce paradoxalmente sobre seu próprio instrumento: a linguagem; o escritor é aquele que trabalha sua palavra (mesmo se é inspirado) e se absorve funcionalmente nesse trabalho. A atividade do escritor comporta dois tipos de normas: normas técnicas (de composição, de gênero, de escritura) e normas artesanais (de labor, de paciência, de correção, de perfeição). (BARTHES, 2007, p.33)

Sobre os escreventes

Os escreventes, por sua vez, são homens “transitivos”; eles colocam um fim (testemunhar, explicar, ensinar) para o qual a palavra é apenas um meio; para eles, a palavra suporta um fazer, ela não o constitui. Eis pois a linguagem reduzida à natureza de um instrumento de comunicação, de um veículo do “pensamento”. Mesmo se o escrevente concede alguma atenção à escritura, esse cuidado nunca é ontológico: não é preocupação. (BARTHES, 2007, p. 35)

Utilizar-se da palavra como material e o escrever como um fim: a partir do trabalho com a palavra que fala pelas leituras solicitadas, pelos corredores barulhentos, pelos bares depois de dias cansativos, pelos artigos escritos sob pressão, pelas opiniões que nos tocam todos os dias. Fazer a palavra trabalhar, se deslocar. Colocar-se na posição de (licenciando) escritor no sentido do *escrever no verbo intransitivo* (BARTHES, 2007, p. 33), muito mais pelo trabalho com a palavra que pela função que terá no mundo. Onde eu poderia, como licencianda, encontrar um espaço que permita que essa atividade com a palavra aconteça? Onde, nas durezas universitárias, encontro um lugar onde eu possa assumir a escrita a partir de um desejo latente? Como trapacear as provas e prazos e ter o prazer como premissa?

OuLiPo.

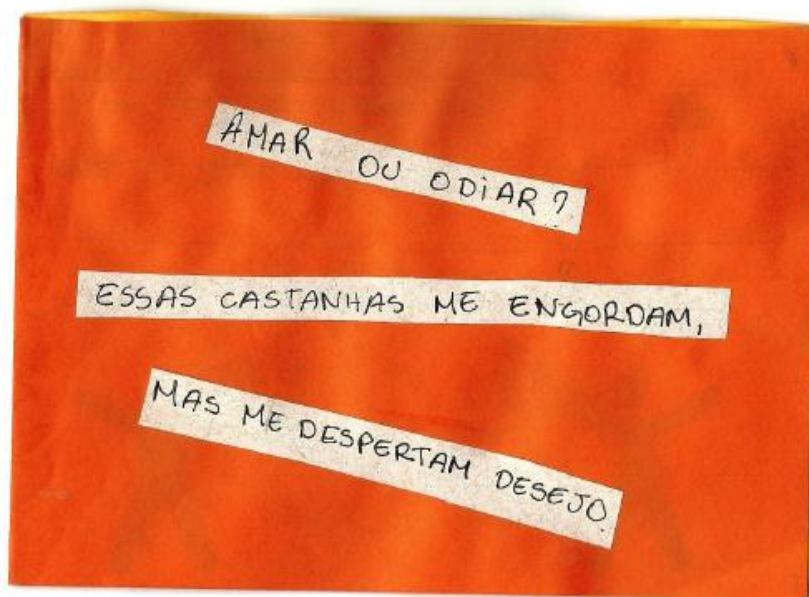


Figura 6 - Imagem de Guilherme Martins de Abreu

Oficina de Literatura Potencial (Ouvroir de Litterature Potentielle) foi uma corrente literária formada na França na década de 1960. Com autores como Raymond Queneau, François Le Lionnais, Ítalo Calvino e Georges Perec, o OuLiPo propõe algumas regras formais para uma busca de formas e estruturas novas, dando ênfase ao processo de criação e uma participação ativa (e não ilusória) do leitor na composição da obra. Descontinuidade, fragmentação, falta de interpretação; aspectos desse movimento que dá maior importância ao processo de criação que a obra em si. De acordo com PINO (2004) o objetivo desse movimento “era propor aos escritores novas estruturas de natureza matemática ou novos procedimentos que contribuíssem com a atividade literária. Ou, como eles mesmos definiam, queriam produzir ‘inspiração’ ou algum tipo de ‘ajuda a criatividade’.” (p. 50).

Inspiradas livremente no OuLiPo, que tinha como proposta a utilização de certas restrições de escrita com o objetivo de libertar a literatura, foram criados alguns jogos de escrita com alunos de Psicologia da Educação: Educação e suas Instituições (2014/02). Além dos jogos com o texto, foi utilizada a colagem como recurso criativo para o processo de confecção de um caderninho que seria, então, o “trabalho final” da disciplina⁸. Os jogos do OuLiPo serviram como largada para uma escrita que partisse de um lugar diferente do que se costuma: costuma vir sempre carregada e travada por estar sempre atrelada a uma ideia de atividade dolorosa e obrigatória.

⁸ Enquanto bolsista, encarreguei-me de pensar e executar estas oficinas de OuLiPo com a turma.

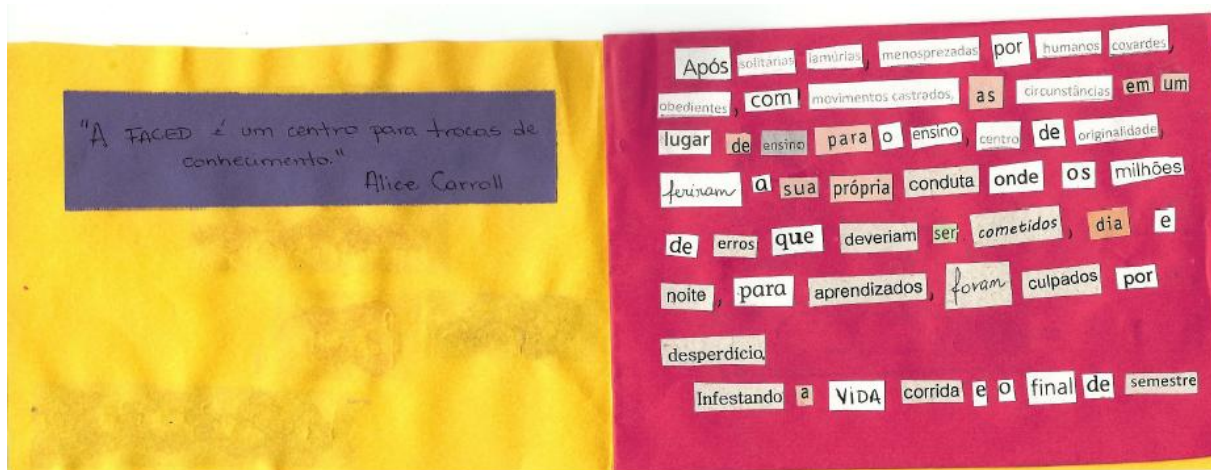


Figura 7 - Imagem de Júlia Guimarães de Carvalho

As regras do jogo:

- 1 – Passeie na FAGED e entorno. Entreviste alguém e pergunte o que a pessoa acha da Faculdade de Educação, o que vem à cabeça (escreva ou grave).
- 2 – Transforme o que a pessoa entrevistada disse em uma frase (se foi dita só uma frase, utilize essa). A frase formada a partir da entrevista será a EPÍGRAFE do trabalho. Invente um autor (pode ser você mesmo, alguém que existe ou um personagem inventado).
- 3 – Pegue o texto relacionado a Educação escolhido por você, selecione um parágrafo. (se você foi à última aula, use o texto trocado com o colega) Circule a TERCEIRA, a SÉTIMA, a ÚLTIMA e uma palavra ALEATÓRIA (se for artigo, preposição, conjunção, pule para a próxima palavra ou para a anterior).
- 4 – Com as palavras circuladas, forme uma frase, podendo adicionar artigo, preposição, conjunção e flexionar verbos. Não adicione outras palavras. A frase formada com as palavras será o TÍTULO do seu trabalho. Recorte as palavras do texto – ou escreva-as em um papel e recorte-as. Cole na capa do “caderninho”, formando o título (você pode escrever os artigos, preposições e conjunções adicionados diretamente na capa ou, ainda, escrevê-los em um papel e recortá-los – o mesmo pode ser feito com um verbo que foi modificado).
- 5 – Escreva a epígrafe (ou escreva-a em outro papel, recorte e cole). Com as palavras do parágrafo escolhido escreva um texto (exceto aquelas selecionadas para o título). Todas as palavras devem ser utilizadas, sendo que você pode adicionar outras para escrever o texto – quantas quiser. Recorte e cole no meio do seu texto pelo menos parte das palavras do texto

escolhido por você (sobre Educação). O texto deve ter alguma relação com o título e a epígrafe. Não precisa necessariamente fazer sentido, fique bem livre para inventar.



Figura 8 - Imagem de Dado Nascimento

Escrever, então, se torna um desafio. Dentro de um combo gigantesco de escritas solicitadas, onde é possível despertar meu desejo de escritura? Onde consigo desamarrear-me de estruturas pré-prontas e trabalhar, na dureza de minhas palavras, um outro texto que, independente da forma, pareça mais autoral e carregue um pouco (ao menos um pouco) do que transborda de mim? As oficinas inspiradas no OuLiPo, com suas regras e restrições, são pensadas, então, para uma possível quebra do *ranço* que temos até pelo processo de escrita. Novas fissuras, novas formas, novas possibilidades. Criam-se regras, mas para libertar a escrita.

Ela acredita em uma pedagogia de estourar balões.



Figura 9 - Saga Fotográfica: O Cotidiano do Balão Vermelho (e da Carolina Freitas)

Viu no balão uma possibilidade de leveza.

Inspirada no filme francês *O Balão Vermelho* (1956), surgiu então uma experiência dentro de uma disciplina de Psicologia da Educação I: como fazer dança das durezas das licenciaturas? Porque não posso fazer de teoria poesia e também ao revés? Porque parece que o prazer e o desejo são os primeiros a serem aniquilados do meu corpo? De desconfortos de dois corpos licenciandos surgiu o texto *Por uma pedagogia de estourar balões*, convidado a ser publicado no livro *Parafernálias I: Diferença Artes Educação* (2013)⁹.

Saíram, então, com um balão cor-de-rosa a passear.

(Elas perceberam que só os loucos e as crianças paravam para brincar com o balão. Porque será?)

⁹ Organizado pelos professores Daniele Noal Gai e Wagner Ferraz, que lideram o grupo de extensão *Parafernálias*, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Cultivar elementos balonísticos como uma estratégia multicolor para o *ranço* que atravessa os espaços, os corpos, as aulas, os discursos.

“*Encher/estourar balões*: um exercício de compor, colorir, poetizar, descobrir. Do inútil, criar vidas. As vidas e os corpos em um movimento, transformando a rigidez em poesia.” (SAIBEL e SOARES, 2013, p. 73).

Encheram os balões de textos e fizeram explodir.

Na experiência-oficina feita da disciplina de Psicologia da Educação I, distribuíram balões que carregavam poesias, receitas de cozinha, imagens e teorias. Distribuíram os balões para os colegas e a dança começou.

A brincadeira de carregar balões pelos lugares onde se passa. Carregar balões, estourar bolhas, uma pedagogia da leveza que transforma o lugar.

E se fosse inventado um novo lugar, em que as coisas sérias não fossem carrancudas? O prazer de ler. O prazer da aula. Mas é preciso dizer: um lugar que não possa ser nomeado, e pra onde não seja possível mandar cartas – elas nunca chegariam –, porque ele se recria rápido demais. Um lugar sem lugar, no qual ninguém consiga fincar pé ou hastear bandeira, pois num piscar ele já é outros. (SAIBEL e SOARES, 2013, p. 71)

Um lugar que se reinventa e aqueles discursos ditos dos mesmos lugares nem conseguiriam existir da mesma forma, porque o lugar nunca é o mesmo. As falas pipocam, as palavras explodem, os textos flutuam. Onde as aulas são preenchidas por atravessamentos constantes de bolhas de sabão, em um dança de explosões.

Vai estourar!



Figura 10 - Imagens do vídeo produzido por Silvana Greff

Prazo/Prazer.

Prazer não tem pressa, mas é urgente. Urgente é aquilo que é necessário sem demora. O prazer do Texto seria forçosamente uma coisa que urge? O prazer também é dor. Ele precisa surgir, urgentemente, dentro de um prazo. Será possível?!

A busca obstinada pelo início, enfim,

para, no final, encarar o mundo. Prazer e prazo se entrelaçam no paradoxo entre o meu desejo e o meu dever. E o ato de escritura se sustenta enquanto manifesto da angústia e o desconforto que tomaram meu corpo e como manifestação do desejo assumido como pesquisador, nesse confronto final da criação consciente que é destinada (de qualquer forma) ao mundo. *Vida e texto se misturam.* (É sobre aquela velha sensação: você escreve, escreve, se esforça de maneira inimaginável para que as palavras saiam de dentro de você, tenta ser “criativa”, usa novas palavras; se utiliza de todas os artifícios que os anos escolares e universitários e tardes lendo Bukowski, Cortázar ou Pessoa te ensinaram, mas a sensação parece sempre a mesma de que você não está dizendo nada. Um vazio existencial da escrita. As palavras estão todas ali, alinhadas, mas não passam de significantes que não carregam seus significados. Talvez seja essa nossa clausura, quiçá nossa salvação.)

Referências

ACADEMIA Brasileira de Letras. Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. 2ª Ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 2008.

ANTUNES, Rógger. Matrícula In: **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**: Tomo III: Ainda Mais Aulas da FAGED. Porto Alegre: UFRGS, 2013b. p. 34-37.

ARRIGUCCI Jr, David. **Escorpionagem: o que vai na valise**. In: CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópio**. Trad. Davi Arrigucci Jr e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BARATA, Maria Cláudia Barata. Roland Barthes por Roland Barthes: o eu como um plural de charmes, 2011. Disponível em < http://www.letras.ufrj.br/neolatinas/media/publicacoes/cadernos/a4n3/mariaclaudia_barata.pdf >.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. – 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2012.

_____. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1988.

_____. Inéditos vol 2 - Crítica. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Trad. Leyla-Perrone Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

_____. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

_____. **Crítica e verdade**. Trad. Leyla Perrone-Moisés, São Paulo: Perspectiva, 2007.

BERTOL, Tiele. Alguns Aspectos. In: COSTA, Luciano (coord.). **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**: Tomo I: Aulas da FAGED. Porto Alegre: UFRGS, 2013a. p. 41-46.

BURATTO, Marjoe. Tanto Faz In: **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**: Tomo IV: Aulas da FAGED, outra vez. Porto Alegre: UFRGS, 2013b. p. 157-161.

CAGLIARI, Angela Z.. Figurante In: **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**: Tomo II: Mais Aulas da FAGED. Porto Alegre: UFRGS, 2013b. p. 80-83.

CALDAS, Aulete. Dicionário Aulete. Disponível em < <http://www.aulete.com.br> >.

CAMPOS, Haroldo de. **Galáxias**. 2. ed. São Paulo: 34, 2004. P.127.

CESAR, Ana Cristina. **Poética**. 1ª Ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2013.

CORSEUIL, Luciana. Morrído In: **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**: Tomo III: Ainda Mais Aulas da FAGED. Porto Alegre: UFRGS, 2013b. p. 78-80.

COSTA, Luciano Bedin da. Discurso preliminar. **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**: Tomo I: Aulas da FAGED. Porto Alegre: UFRGS, 2013. p. 17-26.

DAUDT, Krishna. Carta (para Nathália Chaves Bandeira) In: **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**: Tomo IV: Aulas da FAGED, outra vez. Porto Alegre: UFRGS, 2013b. p. 38-44.

DOBAL, Winnie Ludmila Mathias. Avon In: **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**: Tomo II: Mais Aulas da FAGED. Porto Alegre: UFRGS, 2013b. p. 31-33.

FISHER, Luís Augusto Fisher. A educação e a pedagogia. Disponível em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2012/06/leia-a-coluna-de-luis-augusto-fischer-3780802.html>> acesso em 22 de nov. de 2015.

JEANSON, Francis. **Sartre por ele mesmo**. Trad. Vergílio Ferreira. Lisboa: Portugália Editora, 1965.

KUPSTAITIS, Bethiele. Entediante (azul) In: **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**: Tomo II: Mais Aulas da FAGED. Porto Alegre: UFRGS, 2013b. p. 60-62.

MARTELL, Gabriel Wolter. Sorriso In: **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**: Tomo III: Ainda Mais Aulas da FAGED. Porto Alegre: UFRGS, 2013b. p. 85-87.

NEGRI, Kauan. Perder-se. In: **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**: Tomo III: Ainda Mais Aulas da FAGED. Porto Alegre: UFRGS, 2013b. p. 64-66.

NODARI, Natália Rosa. Morrído In: **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**: Tomo III: Ainda Mais Aulas da FAGED. Porto Alegre: UFRGS, 2013b. p. 44-46.

PACHECO, Eduardo; PARISOTO, Bruno. **Por uma Pedagogia do Silêncio**. Disponível em <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/epa/article/view/290/387>> Acesso em 25 nov. 2015.

PERRONE-Moisés, Leyla. **Com Roland Barthes**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

PINO, Claudia Amigo. **A Ficção da Escrita** – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

- PORTO, Amanda Porto de. Thais In: **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**: Tomo III: Ainda Mais Aulas da FAGED. Porto Alegre: UFRGS, 2013b. p. 88-90.
- PUGLIERO, Fernanda. Magro In: **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**: Tomo III: Ainda Mais Aulas da FAGED. Porto Alegre: UFRGS, 2013b. p. 32-34.
- ROSA, Tiago Vieira da. Absurdo In: **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**: Tomo IV: Aulas da FAGED, outra vez. Porto Alegre: UFRGS, 2013b. p. 19-22.
- SAIBEL, Lorena; SOARES, Olívia. **Por uma pedagogia de estourar balões**. In: GAI, Daniele; FERRAZ, Wagner (Orgs.). **Parafernalias**: Diferença Artes Educação. Porto Alegre: INDEPIn, 2013. p. 67-76.
- SKLIAR, Carlos. Desobedecer a linguagem: educar. Trad. Giane Lessa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- SOUZA, Mateus Bottaro de. Alquimia-Dura In: **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**: Tomo IV: Aulas da FAGED, outra vez. Porto Alegre: UFRGS, 2013b. p. 23-25.
- TADEU, Tomaz; CORAZZA, Sandra. Toda razão para Fischer. Disponível em <http://issuu.com/verdeperto/docs/196> último acesso 22 de nov. de 2015.
- TEIXEIRA, Janaina. Fábulas (e reencontros) In: **Dicionário Raciocinado das Licenciaturas**: Tomo II: Mais Aulas da FAGED. Porto Alegre: UFRGS, 2013b. p. 74-76.